

O beijo da palavrinha, de Mia Couto: uma ponte entre literatura e bioética*

Mia Couto's *The little word's kiss*: a bridge between literature and bioethics

DENISE STEFANONI COMBINATO**

Resumo: Este artigo tem como objetivo realizar uma análise bioética do conto *O beijo da palavrinha*, de Mia Couto, numa tentativa de aproximar Bioética e Literatura, a fim de promover uma reflexão sobre a morte e os cuidados no final da vida. A análise fundamenta-se na Psicologia histórico-cultural e em dois referenciais da Bioética: vulnerabilidade e solidariedade. Assim como se apresenta no conto a possibilidade de conhecer e sentir o mar mesmo na sua ausência, a expectativa desse texto é incentivar o acesso ao conhecimento, a elaboração de sentimentos e o desenvolvimento humano através da Literatura.

Palavras-chave: Bioética, Literatura, morte, desenvolvimento humano

Abstract: This paper's goal is to articulate Bioethics and Literature through a bioethical analysis of Mia Couto's tale *The little word's kiss* (free translation of the original title *O beijo da palavrinha*), seeking to promote a reflection about death and end of life care. The analysis is based on Historical-cultural Psychology theory and two bioethical referentials: vulnerability and solidarity. Like the tale, which presents the possibility of knowing and feeling the sea while it is absent, the expectancy of this text is to encourage the seek for knowledge, the elaboration of feelings and the human development through Literature.

Keywords: Bioethics, Literature, death, human development.

* Em memória do Prof. Dr. William Saad Hossne, meu supervisor de pós-doutoramento.

** Graduação em Psicologia (Unesp/Bauru), Doutorado em Saúde Coletiva (Unesp/Botucatu), Pós-doutorado em Bioética (Centro Universitário São Camilo). Psicóloga e Professora do Departamento de Humanidades no Instituto Tecnológico de Aeronáutica.

“Ler é abrir-se para o afeto, o desencontro, a tristeza, o medo, o luto.

Ler é encorajar-se diante das contingências da existência”.

Bartolomeu Campos de Queirós (2012, p. 90)

Introdução

De acordo com a Psicologia histórico-cultural, a palavra não se restringe a um conjunto de sons. Por outro lado, não é simplesmente um conjunto de significados. A palavra é uma “unidade viva de som e significado” (VIGOTSKI, 1934/2001, p.7). Como significado, ela estabelece uma relação da linguagem com o pensamento. Isso porque “a palavra nunca se refere a um objeto isolado, mas a todo um grupo ou classe de objetos” (VIGOTSKI, 1934/2001, p. 9), ou seja, a palavra é uma generalização e, como tal, é pensamento. Em outros termos, “a palavra é, fundamentalmente, uma forma socialmente elaborada de representação” (MARTINS, 2013, p.168).

E como se origina o pensamento?

O próprio pensamento não nasce de outro pensamento, mas do campo da nossa consciência que o motiva, que abrange os nossos pendores e necessidades, os nossos interesses e motivações, os nossos afetos e emoções. Por trás do pensamento existe uma tendência afetiva e volitiva (VIGOTSKI, 1934/2001, p.479).

Portanto, o valor da palavra envolve toda expressão fonética, semântica e afetivo-volitiva.

A palavra (ou palavras) como instrumento das relações interpessoais tem a função de exprimir-se, manifestar-se, revelar-se ao outro. O conjunto organizado de palavras (com sons, significados e sentimentos) como instrumento da Literatura tem a função de intensificar o vivido (DUARTE, 2009), promover a vivência de outras vidas e emoções (VIGOTSKI, 1925/1999), expandindo assim as possibilidades de apropriação da realidade (SCHROEDER, 2012), de orientação

de comportamentos futuros (VIGOTSKI, 1925/1999), de humanização e equilíbrio social (CANDIDO, 1988).

Mas, como alerta Candido (1988, p.175), a Literatura não é uma “experiência inofensiva”. Ela tem o poder de *afetar* o outro – afetar no sentido de atingir profundamente, de afligir, inclusive. As vivências e emoções provocadas pela Literatura – sobre aquilo que vivemos, mas não percebemos ou sentimos no cotidiano – podem gerar perturbação, angústia.

A escuta de diferentes personagens, em diferentes perspectivas; o colocar-se no lugar ou conectar-se com o outro, reconhecendo a existência da alteridade e, ao mesmo tempo, a possibilidade de empatia; a reflexão, interpretação e imaginação; o confronto com situações angustiantes são características da Literatura.

De maneira semelhante a essas funções da Literatura, a Bioética envolve um processo de reflexão crítica, orientada por múltiplos olhares, sobre situações e valores que podem gerar angústia, que exigem envolvimento e implicam uma escolha para o sujeito, uma tomada de posição (HOSSNE, 2006; 2007).

A Bioética, considerada uma disciplina sistêmica, foi criada por Potter em 1970. Na ocasião, ele caracterizou a Bioética como uma ponte entre as ciências biológicas e a ética, tendo em vista a construção de uma “ponte para o futuro”. Diante dos desafios impostos no final do século XX e início do século XXI, Potter (1999) defendeu que se buscasse uma “Bioética global”, incluindo o meio ambiente e os problemas de saúde que envolvem as multidões e não apenas as exceções. Em 1997, descobriu-se que o alemão Fritz Jahr já havia cunhado a palavra Bio-Ethik em 1927. Ao resgatar as proposições históricas de Potter e Jahr a respeito da Bioética, Pessini (2013, p.17) afirma que o grande desafio da humanidade é a “responsabilidade de garantir o futuro da vida na Terra”, o que significa garantir a vida do ser humano singular, coletivo e do meio ambiente onde vive. Além disso, entende-se que não se trata de qualquer vida, mas de uma vida digna e saudável.

De acordo com a Lei n.8080 (BRASIL, 1990, art.2), “a saúde é um direito fundamental do ser humano, devendo o Estado prover as condições indispensáveis ao seu pleno exercício”. Para prover essas condições, não bastam intervenções do Estado no campo da saúde. O dever do Estado consiste “na formulação e execução de políticas econômicas e sociais que visem à redução de riscos de doenças e de outros agravos e no estabelecimento de condições que assegurem acesso universal e igualitário às ações e aos serviços para a sua promoção, pro-

teção e recuperação” (BRASIL, 1990, art.2, §1). Para tanto, é necessário atuar nos determinantes e condicionantes da saúde: “a alimentação, a moradia, o saneamento básico, o meio ambiente, o trabalho, a renda, a educação, a atividade física, o transporte, o lazer e o acesso aos bens e serviços essenciais” (BRASIL, 1990, art. 3).

Se essas condições são necessárias para a saúde (e, conseqüentemente, para a vida) e se o Estado deve prover as condições indispensáveis para seu exercício, então, é preciso conhecer e defender esses direitos.

Em um contexto de profundas desigualdades sociais, o desafio do trabalho em Bioética, especialmente no Brasil, é “ampliar seu foco para a dimensão do coletivo”, com reflexões e discussões sobre “os determinantes e condicionantes do processo saúde-doença e as desigualdades de sua expressão”, e não sobre a Medicina de alta tecnologia e os avanços biotecnológicos (ZOBOLI, 2003, p.34).

Se a Literatura trata daquilo que é vivido, mas não é percebido intensamente no cotidiano, se a palavra estabelece uma relação entre emissor e receptor ou texto/autor/narrador e leitor, então a Literatura também pode adquirir a função de ponte, a fim de estabelecer uma ligação entre pessoas e também uma ligação com temas que, culturalmente, são negados e, de certa maneira, são mais difíceis de serem abordados diretamente.

A morte é um desses temas. Vários contos, romances, poemas, filmes, músicas, enfim, obras de arte retratam-na de maneira autêntica, seja por sua forma de apresentação ou experiência estética, seja pelo potencial de nos remeter, através do conteúdo da arte, à realidade retratada.

E, sobre qual perspectiva de morte estamos falando? De uma morte que acontece no dia a dia das pessoas, seja com perdas ao longo da vida ou como vivência de morte concreta. No último caso, trata-se de uma morte que se caracteriza por um conjunto de necessidades de moribundos, familiares e profissionais da saúde, mas que não se reduz a eles. Falamos de uma morte que clama por uma defesa da vida e de condições de vida ao longo de todo o desenvolvimento humano, uma vez que a morte é universal, mas a maneira de morrer e o momento em que se morre dependem das condições materiais de vida que determinam, por sua vez, vida e morte.

Por isso, defendemos a necessidade de acesso e apropriação por todas as pessoas daquilo que já foi produzido e acumulado historicamente pela humani-

dade, seja em termos materiais ou não-materiais, incluindo a arte. É essa apropriação que garantirá o pleno desenvolvimento humano¹.

Rita Charon, médica e linguista, precursora do estudo da Medicina Narrativa², defende que a prática médica (e poderíamos extrapolar para outras áreas) exige uma competência narrativa, ou seja, uma capacidade de reconhecer e interpretar as histórias contadas pelos pacientes para poder agir. Isso significa ter uma capacidade ampliada de escuta não apenas cognitiva, mas afetiva e simbólica para, assim, construir uma relação empática e cuidadosa com o outro. Nesse sentido, o estudo da Literatura pode oferecer subsídios para o desenvolvimento de habilidades de leitura e interpretação, auxiliando no diálogo e no cuidado do paciente, além de contribuir para a percepção dos próprios limites do profissional (CHARON, 2001)³.

Assim, entendemos que a Literatura pode estabelecer uma ponte com a Bioética, a fim de promover o acesso ao conhecimento, a elaboração de sentimentos, a reflexão crítica e o posicionamento na defesa dos direitos sociais e do desenvolvimento integral do ser humano, incluindo a dignidade no momento da morte.

Essa ponte entre Bioética e Literatura é uma maneira de a Bioética não se desvincular das necessidades da população (HOSSNE e PESSINI, 2011; KOTTOW, 2011). Para Kottow (2011), é preciso que a real participação cidadã e a força política da sociedade civil sejam “reinventadas”. E uma das maneiras de promover essa reinvenção é através da Educação:

la bioética debe ser descendida del Olimpo académico para buscar su inserción en los niveles de educación más primários: escuelas, programas de capacitación, educación de multiplicadores como son los maestros, los gestores sociales, los dirigentes. (KOTTOW, 2011, p. 69-70)

¹ O desenvolvimento humano caracteriza-se não apenas como desenvolvimento físico; o desenvolvimento das funções psíquicas superiores (funções tipicamente humanas, como, por exemplo, a linguagem, o pensamento, a atenção, percepção, memória, imaginação) é parte do desenvolvimento histórico geral de nossa espécie (LEONTIEV, 1978).

² A Medicina Narrativa e a Bioética Narrativa não são especialidades; consistem em métodos, modelos de reflexão e atuação em Medicina e Bioética, orientados pela narrativa.

³ Umberto Eco chama a atenção para o fato de que, na Literatura, as coisas acontecem para além dos desejos do leitor. Por isso, “os contos ‘já feitos’ nos ensinam também a morrer” (ECO, 2011, p. 22).

Vale ressaltar que descer aos “níveis de educação mais primários” está relacionado a promover o acesso ao conhecimento a pessoas que não estão vinculadas à vida acadêmica e não diminuir o nível do conhecimento, como se essas pessoas não fossem capazes de compreender tais conteúdos.

Método

Dado o objetivo do trabalho, foi selecionado um conto literário que aborda a temática da morte e do cuidado no final da vida; que apresenta um contexto de vulnerabilidade social, com demandas relacionadas aos determinantes e condicionantes da saúde; e, por fim, que possibilita a reflexão e discussão de algum referencial da Bioética, conforme proposto por Hossne (2006)⁴.

A morte como temática e os contextos de vulnerabilidade social (como cenários ou temáticas) aparecem em textos literários onde esses temas e cenários estão presentes na vida cotidiana. Já a exploração de elementos que possibilitem a reflexão e a discussão bioética talvez não se façam tão presentes.

Vigotski (1925/1999, p. 307) explica que a arte é originada de um contexto concreto de vida, mas não se restringe a sua reprodução; trata-se de uma superação:

O milagre da arte lembra antes outro milagre do Evangelho – a transformação da água em vinho, e a verdadeira natureza da arte sempre implica algo que transforma, que supera o sentimento comum, e aquele mesmo medo, aquela mesma dor, aquela mesma inquietação, quando suscitadas pela arte, implicam algo a mais acima daquilo que nelas está contido [...] A arte está para a vida como o vinho para a uva.

O outro milagre referido pelo autor é o milagre da multiplicação dos pães e peixes. Ele ilustra que a arte não é um simples contágio do leitor / espectador

⁴ Hossne (2006) sistematizou alguns referenciais da Bioética que podem nortear a reflexão, o posicionamento e a defesa dos direitos humanos e sociais. São eles: sabedoria, dignidade, autonomia, justiça, não-maleficência, beneficência, confidencialidade, privacidade, responsabilidade, qualidade de vida, serenidade, prudência, equidade, alteridade, espiritualidade, solidariedade (HOSSNE e SILVA, 2013) e vulnerabilidade (HOSSNE, 2009).

com os sentimentos do autor, portanto, não se trata de um milagre quantitativo. A arte, segundo Vigotski (1925/1999, p. 315), “é o social em nós”; ou seja, “um sentimento social que foi objetivado, levado para fora de nós, materializado e fixado nos objetos externos da arte”, torna-se “instrumento da sociedade”, provocando uma catarse, uma descarga de emoções, uma transformação dos sentimentos que, por sua vez, rompe o equilíbrio interno do indivíduo, podendo modificar suas vontades e prepará-lo para novas atitudes⁵.

Segundo Vigotski (1925/1999, p.320), “a arte é antes uma organização do nosso comportamento visando ao futuro, uma orientação para o futuro, uma exigência que talvez nunca venha a concretizar-se, mas que nos leva a aspirar acima da nossa vida o que está por trás dela”.

Vários textos literários poderiam ter sido utilizados como “instrumento da sociedade” nessa análise. A seleção deste texto, especificamente, deve-se, além dos critérios objetivos, à ponte afetivo-volitiva estabelecida entre texto e leitor.

O texto selecionado foi *O beijo da palavrinha*, de Mia Couto (COUTO, 2006)⁶.

Inicialmente, foi realizado um levantamento bibliográfico de artigos disponíveis na base de Periódicos da CAPES e no Google Acadêmico que tivessem como objeto de análise o texto de Mia Couto, a fim de verificar se já não existia trabalho semelhante a este.

Os textos encontrados são da área de Letras/Literatura/Linguística e tiveram como objetivo “identificar a presença do sagrado” (LOPES, 2009) ou analisar o conto a partir da “cosmovisão africana” (BERGAMIN, 2009); destacar o estilo poético, a presença de metáforas e contorno onírico como estratégia para a apresentação do tema (MEDEIROS, 2013); ou ainda discutir a “criatividade / produtividade do sistema lexical da língua portuguesa” a partir da incorporação de novas palavras presentes no texto de Mia Couto (BASTOS e BRITO, 2011).

Não há publicação relativa a esse conto sob a perspectiva bioética. Sendo assim, decidiu-se continuar a análise *bioética* do texto *O beijo da palavrinha* a

⁵ Em outras palavras, “para o psicólogo marxista Vigotski, as obras de arte são objetivações humanas essenciais, e, uma vez em contato com os indivíduos, sendo por eles apropriadas, têm o poder de mediação entre a história do gênero humano e o desenvolvimento individual” (FERREIRA e DUARTE, 2011, p.118-119). Nesse sentido, a arte pode ser vista como uma ferramenta (“instrumento da sociedade”, nas palavras de Vigotski) objetivada pelo artista, que concretiza um sentimento social e que tem um potencial transformador sobre os outros indivíduos.

⁶ O livro publicado no Brasil integra a Coleção Mama África e foi ilustrado pelo artista plástico Malangatana Valente Ngwenya.

partir de dois referenciais da Bioética: a vulnerabilidade e a solidariedade. Além dos referenciais da Bioética, essa análise fundamenta-se nos referenciais da Psicologia histórico-cultural, que entende o ser humano como um ser ativo, social e histórico, ou seja:

Falamos de um homem constituído numa relação dialética com o social e com a História, sendo, ao mesmo tempo, único, singular e histórico. Esse homem, constituído na e pela atividade, ao produzir sua forma humana de existência, revela – em todas as suas expressões –, a historicidade social, a ideologia, as relações sociais, o modo de produção (AGUIAR e OZELLA, 2006, p. 224).

Vigotski (1925/1999), em *Psicologia da Arte*, defende que é preciso uma base sociológica e histórica na elaboração de uma teoria estética. Fundamentado no materialismo histórico, afirma que a análise científica da arte deve ter os mesmos princípios que o estudo de outros fenômenos sociais. Dessa forma, buscamos subsídios no seu método explicativo (VIGOTSKI⁷, 1930/1987) para analisar o conto *O beijo da palavrinha* (COUTO, 2006). Segundo tal método, é preciso regressar à origem, entendendo o movimento de constituição e transformação dos fenômenos; captar o processo de constituição e não simplesmente o produto final; fazer uma análise não apenas descritiva, mas explicativa, reconhecendo nexos causais, determinantes que constituem os fenômenos, buscando sua essência.

Resultados e Discussão

Uma das possibilidades de remeter à origem do objeto de estudo, neste caso, é falar sobre a origem do escritor. Filho de emigrantes portugueses, Mia Couto (ou Antônio Emílio Leite Couto) nasceu na Beira, Moçambique, em 1955. Estudou Medicina, formou-se Biólogo, participou do movimento pela independência de Moçambique, escreveu para jornais, publicou vários livros e foi o vencedor do Prêmio Camões em 2013 – prêmio mais importante da criação literária em Língua Portuguesa.

⁷ Foi mantida a grafia do nome do autor adotada em cada publicação.

Em entrevista ao jornal Rascunho (MAGALHÃES, 2013, p.4), o escritor falou sobre sua identidade:

Nunca somos uma coisa, não temos uma identidade, temos várias, e elas vão mudando com o tempo, vão mudando com a idade, vão mudando com a relação que a gente tem. Eu vejo que isso foi uma coisa que no início surgiu dramática em mim próprio. Tenho que saber quem sou, e eu era um cruzamento de tanta coisa, era um ser de fronteira, sou um filho de portugueses que nasceu em África e se converteu num africano. Vivo entre o mundo católico, o mundo dessas outras religiões que não têm nome, vivo entre o ocidente e o oriente, entre esse mundo de crenças e o cientista que também sou.

Em *O beijo da palavrinha*, Mia Couto relata a história de Maria Poeirinha, uma menina que adocece e recebe o cuidado da sua família, especialmente do irmão Zeca Zonzo que, inspirado na importância que tio Jaime Litorânio atribuía ao mar, apresenta-o à irmã (COUTO, 2006).

Interessante notar os nomes atribuídos aos personagens: Maria Poeirinha, um nome comum (Maria) atrelado a um outro (Poeirinha), no diminutivo (que pode retratar algo pequeno ou insignificante), que remete a cisco, resto, lixo; Zeca Zonzo, um nome composto também formado por um nome comum (Zeca) e um nome pejorativo (Zonzo), que significa desorientado; por fim, tio Jaime Litorânio, o único que não tem um nome comum (Jaime) combinado a outro que reporta ao mar (Litorânio), que tem grande significado na narrativa.

Desde o início do texto, é mencionada a condição de vulnerabilidade social de Maria Poeirinha, de sua família e do grupo ao qual está vinculada: “Ela e a sua família eram pobres [...] Na miséria em que viviam, nada destoava. Até Poeirinha tinha sonhos pequenos, mais de areia do que castelos” (COUTO, 2006, p.5-9).

Hossne (2009, p. 49) alerta que a vulnerabilidade pode atingir “os diversos elos do sistema” social e, no texto *O beijo da palavrinha*, fica claro como toda a comunidade é afetada.

Mia Couto escreve a partir de um determinado contexto: Moçambique. O país foi colônia de Portugal até 1974, viveu uma guerra civil por quase 20 anos (1975-1992) e é um dos países mais pobres do mundo. De acordo com o Relatório do Desenvolvimento Humano (PNUD, 2013), Moçambique ocupa a 185ª posição no Índice de Desenvolvimento Humano (100 posições abaixo do Brasil, que ocupa

a 85ª posição) – acima apenas de Níger e República Democrática do Congo; a expectativa de vida ao nascer é de 50,7 anos e a média de escolaridade da população é de 1,2 anos.

A respeito da Guerra Civil, Mia Couto fez o seguinte relato em entrevista (MAGALHÃES, 2013, p.4): “A guerra nunca mais sairá de dentro de mim. Procuo esquecê-la, procuro que fique arrumada lá num canto, mas não é possível”.

A guerra está dentro dele e a arte está dentro da vida. Marx e Engels (2010, p. 97) defendem que “o modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral”, o que não significa que a arte (ou a Literatura, especificamente) seja uma reprodução da realidade – como afirmou Vigotski (1925/1999) na comparação entre vida e uva, arte e vinho.

Compreender esse contexto retratado pela obra de Mia Couto, isto é, a origem e o processo de desenvolvimento da vulnerabilidade social de Maria Poeirinha, é uma maneira de articular o momento social universal com o momento individual e de buscar a compreensão da totalidade proposta pelo método de análise adotado.

Além da vulnerabilidade social, Maria Poeirinha acumulava a vulnerabilidade física que, possivelmente, estava associada à vulnerabilidade social: “A menina adoeceu gravemente. Num instante, ela ficou vizinha da morte” (COUTO, 2006, p.14).

A doença e sua causa não são nomeadas no texto. Não importa. Dado o contexto social e a localização da aldeia “... viviam numa aldeia tão interior que acreditavam que o rio que ali passava não tinha nem fim nem foz” (COUTO, 2006, p.5.), é possível imaginar que a causa da doença e/ou a dificuldade para realizar o tratamento tenham relação com esse contexto social.

Além desses aspectos mais concretos, a referência ao mar parece extrapolar a simples descrição do fenômeno para alcançar aquilo que se denomina de essência.

Para Vigotski (1925/1999, p.191-200), “as palavras de uma narração ou de um verso implicam o seu sentido simples, a sua água, enquanto a composição, ao criar sobre essas palavras, acima delas, um novo sentido, dispõe tudo isso em um plano bem diferente e transforma a água em vinho”. O reconhecimento desse novo sentido, para além da aparência, é a essência.

O *mar* no texto de Mia Couto parece revelar esse momento essencial. Trata-se de uma metáfora que, por si só, carrega um potencial de transformação do

significado aparente. Tio Jaime Litorânio espanta-se ao saber que seus familiares nunca tinham visto o mar. O que poderia representar esse mar que a ele “lhe havia aberto a porta para o infinito?” (COUTO, 2006, p.10-11) Esse mar poderia representar as possibilidades de superação / transformação, a esperança de uma vida melhor e, por que não, o acesso aos condicionantes e determinantes do processo saúde – doença. Ou seja, um dos possíveis significados para o mar, seria aquilo que é necessário (acesso à alimentação, moradia, saneamento básico, por exemplo) para que não se esteja em condição de vulnerabilidade.

De acordo com Hossne (2009, p.42) por ser mortal e sujeito a feridas, ofensas, acidentes, etc. o ser humano é um ser vulnerável. Entretanto, “ele pode ou não *estar* em situação de vulnerabilidade [...] Trata-se de ir de uma situação latente a uma situação manifesta”. Assim, defender o acesso aos condicionantes e determinantes de saúde é uma maneira de promover condições adequadas de vida para que não se imponha esse estado de vulnerabilidade.

A cura de Maria Poeirinha dependia, segundo o Tio Jaime Litorânio, de ir ao mar: “O tio não teve dúvida: teriam que a levar à costa. - Para que se cure, disse ele” (COUTO, 2006, p.14).

Mais uma vez manifesta-se a condição de vulnerabilidade (física e social) da menina. O meio de transporte era o barco “Metam a menina no barco que a corrente a leva em salvadora viagem” (COUTO, 2006, p.14), mas ela não tinha condições de enfrentar tal percurso: “a menina estava tão fraca que a viagem se tornou impossível” (COUTO, 2006, p.16).

Sendo assim, restou à família a solidariedade. Vale ressaltar que a ação da família – mais voltada para a solidariedade, diante de situações particulares – não isenta a ação do Estado, que deveria atuar solidariamente, tendo em vista a “universalidade da condição humana” (HOSSNE e SILVA, 2013, p.153). “Todos se aproximaram da cabeceira e ali ficavam sem saber o que fazer, sem saber o que dizer” (COUTO, 2006, p.16).

O fato de não saberem o que fazer e o que dizer não os afastou. Os familiares responsabilizaram-se pela menina e realizaram o cuidado possível para aquele momento e aquelas condições: o estar junto. Cumpre-se aqui o que Hossne e Silva (2013, p.155) identificam como uma das mensagens da solidariedade: “você não está só, afaste a solidão, estamos juntos com você”. Apresenta-se assim uma primeira característica da solidariedade: o cuidado com o outro. Hossne e Silva

(2013, p.153) explicam que a solidariedade é um “apelo sempre presente na relação que se tem com a fragilidade humana”.

Essa atitude dos familiares de Poeirinha pode estar relacionada à maneira como esse povo compreende a morte. Diferentemente da cultura ocidental moderna, em que morte e vida são opostas (Ariès, 1975/2003), na África relatada por Mia Couto, morte e vida estão intimamente ligadas. Com base em estudos antropológicos, Bergamim (2009, p.78) explica que existe um “equilíbrio natural entre as fases da vida e a ancestralidade. Esse equilíbrio garante ao ser humano força e sabedoria necessárias para poder viver e, também, morrer bem”. Já na cultura ocidental moderna, a morte transformou-se em “objeto de interdição” (ARIÈS, 1975/2003, p.84):

Antigamente, a morte era uma figura familiar [...] Hoje, basta apenas enunciá-la para provocar uma tensão emocional incompatível com a regularidade da vida quotidiana [...] Para evitá-la, decide-se nada dizer ao doente. Mas no fundo o que importa é menos o fato que o doente saiba ou não, e sim o de que, caso ele saiba, tenha a elegância e a coragem de ser discreto. (ARIÈS, 1975/2003, p.241-242)

Ou seja, em nossa cultura, o moribundo é expropriado de sua morte (e vida). Muitos familiares e profissionais de saúde afastam-se da pessoa que está morrendo ou isentam-se de falar sobre a morte, quer dizer, sobre a vida (o processo de morte é um dos momentos da vida). Entender as necessidades e os desejos da pessoa que está morrendo depende dessa aproximação, desse cuidado, desse estar junto que a solidariedade nos ensina.

O cuidado expresso pela mãe de Maria Poeirinha foi o resgate das antigas canções de ninar: “A mãe pegou nas mãos da menina e entoou as velhas melodias de embalar” (COUTO, 2006, p.16).

Inspirado na sabedoria de Tio Jaime Litorânio – de que o mar faz a pessoa renascer e descobrir “outras praias” dentro de si, o irmão Zeca Zonzo, mesmo “desprovido de juízo”, tem uma grande ideia: “- Vou-lhe mostrar o mar, maninha. Todos pensaram que ele iria desenhar o oceano. [...] Mas não. Zonzo apenas rabiscou com letra gorda a palavra ‘mar’ ”(COUTO, 2006, p.19).

Através da mediação do irmão, que guiou os dedos da irmã por cima dos traços da palavra, Maria Poeirinha identificou e sentiu cada letra que compõe o mar: “Essa letra (‘m’) é feita por ondas [...] Essa a seguir é um ‘a’. É uma ave,

uma gaivota pousada nela própria, enrodilhada [...] (O ‘r’) é uma letra tirada da pedra. É o ‘r’ da rocha” (COUTO, 2006, p.22-25).

As formas gráficas das letras “m” e “a” remetem às características do mar (m: ondas do mar) e seu entorno (a: ave), enquanto a sonoridade da letra “r” representa características da rocha (“r duro, rugoso, com suas ásperas arestas”). Essa representação da palavra, associada à imaginação, torna o mar algo concreto para a menina. Maria Poeirinha conseguiu assim sentir o mar através da palavra.

O irmão, classificado pelo narrador como “Zonzo”, “desprovido de juízo” demonstra que para ser solidário não é preciso ser especialista. Hossne e Silva (2013, p.153) afirmam que a solidariedade situa-se no “domínio da ação – e da ação produtora de relações humanas”. Isso significa que, independentemente da formação, podemos atuar como seres solidários. Mas isso pressupõe, conforme os autores, o reconhecimento da igualdade entre os seres humanos e a responsabilidade pela humanidade que nos transmitiu a herança cultural acumulada historicamente.

Considerações finais

Assim como no texto de Mia Couto (2006) *O beijo da palavrinha*, em que Maria Poeirinha consegue, através da palavra “mar”, sentir o mar e seu entorno mesmo na sua ausência, a expectativa deste artigo é incentivar o acesso ao conhecimento, o desenvolvimento da sensibilidade e a reflexão bioética sobre a morte e o cuidado através do conto literário.

Sem vivenciar concretamente a situação, a Literatura possibilita que o leitor se confronte e se posicione diante daquilo que é posto. Existe, de maneira semelhante à Bioética, um convite ao exercício de liberdade para que o sujeito faça uma reflexão crítica da situação baseada em alguns critérios (referenciais, por exemplo) e posicione-se.

As narrativas são capazes de sensibilizar para aspectos que passam despercebidos; também mostram “la pluralidad de posibilidades de la realidad vivida”; ajudam a “desarrollar tanto la capacidad de empatia [...] como los hábitos de la deliberación”, com escuta e abertura a diferentes perspectivas para, quem sabe, mudar de posição (DÍAZ e PÉREZ, 2008, p.470).

Discutir o cuidado no processo de morte (e os cuidados necessários ao longo da vida) através da ponte estabelecida entre Bioética e Literatura é uma atividade educativa que busca alcançar diferentes públicos dentro e fora da Academia para mobilizar e despertar a atenção às necessidades implicadas no processo de morte.

Isso acontece porque “nenhuma palavra é solitária. Cada palavra remete o leitor ou ouvinte para além de si mesma” (QUEIRÓS, 2012, p.68). É como se o leitor, com sua história de apropriações e de sentidos, completasse e imaginasse seu próprio texto. Através das várias dimensões que as palavras assumem, a interpretação do mundo pelo escritor é percebida, imaginada e sentida pelo outro.

Assim, acredita-se que a Literatura pode ser uma aliada da Bioética a fim de promover a educação através da reflexão crítica e, conseqüentemente, reinventar a participação cidadã e a força política, uma vez que a Literatura “confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (CANDIDO, 1988, p.175). Em outras palavras, “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (CANDIDO, 1988, p.180).

Referências

- AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; OZELLA, Sergio. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. *Psicologia ciência e profissão*, v.26, n.2, p.222-245, 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v26n2/v26n2a06.pdf>. Acesso em: 23 de maio de 2016.
- ARIÈS, Philippe. *História da morte no ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. 312p. (Texto original publicado em 1975).
- BASTOS, Neusa Barbosa; BRITO, Regina Helena Pires de. Mía Couto: “somando colorações” no vocabulário da lusofonia. *Matraga*, Rio de Janeiro, v.18, n.28, p.143-157, 2001. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/matraga/matraga28/arqs/matraga28a06.pdf>. Acesso em: 06 de novembro de 2014.
- BERGAMIN, Claudia Regina. O beijo da palavrinha: um conto mágico à luz da cosmovisão africana. *Revista Versão Beta: sob o signo da palavra*, São Carlos, v.52, p.75-87, 2009.

- BRASIL. Lei n.8080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, a proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18080.htm. Acesso em: 01 de abril de 2009.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. São Paulo: Duas cidades, 1988. p.169-191.
- CHARON, R. Narrative Medicine: a model for empathy, reflection, profession, and trust. *JAMA*, v.286, n.15, p.1897-1902, 2001.
- COUTO, Mia. *O beijo da palavrinha*. Ilustrações: Malangatana. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2006. (Coleção Mama África).
- DÍAZ, Beatriz Ogando; PÉREZ, César García. De Aristóteles a Amenábar: ética narrativa, cine y medicina. *Atención Primaria*, v.40, n.9, p.469-472, 2008.
- DUARTE, Newton. Arte e educação contra o fetichismo generalizado na sociabilidade contemporânea. *Perspectiva*, Florianópolis, v.27, n.2, p.461-479, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/15885>. Acesso em: 16 maio 2016.
- ECO, Umberto. Sobre algumas funções da literatura. In: _____. *Sobre a literatura*. (E. Aguiar, Trad.). Rio de Janeiro: BestBolso, 2011. cap.1, p.09-22.
- FERREIRA, Nathalia Botura de Paula; DUARTE, Newton. As artes na Educação Integral: uma apreciação histórico-crítica. *Revista Ibero-americana de estudos em Educação*, Araraquara, v.6, n.3, p.115-126, 2011. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/5006/4155>. Acesso em: 16 maio 2016.
- KOTTOW, Miguel. Bioética pública: una propuesta. *Revista Bioética*, Brasília, v.19, n.1, p.61-76, 2011.
- HOSSNE, William Saad. Bioética – princípios ou referenciais? *O mundo da saúde*, São Paulo, v.30, n.4, p.673-676, 2006.
- HOSSNE, William Saad. Bioética – ponte para a liberdade. *Bioethikos*, São Paulo, v.1, n.1, p.99-104, 2007. Disponível em: http://www.saocamilo-sp.br/pdf/bioethikos/54/Bioetica_ponte_para.pdf. Acesso em: 06 de novembro de 2014.
- HOSSNE, William Saad. Dos referenciais da bioética – a vulnerabilidade. *Bioethikos*, São Paulo, v.3, n.1, p.41-51, 2009. Disponível em: <http://www.saocamilo-sp.br/pdf/bioethikos/68/41a51.pdf>. Acesso em: 06 de novembro de 2014.
- HOSSNE, William Saad.; PESSINI, Leo. Bioética – ouvir é preciso. *Bioethikos*, São Paulo, v.5, n.4, p.359-361, 2011. Disponível em: <http://www.saocamilo-sp.br/pdf/bioethikos/89/editorialpt.pdf>. Acesso em: 01 de setembro de 2012.
- HOSSNE, William Saad.; SILVA, Franklin Leopoldo. Dos referenciais da bioética – a solidariedade. *Bioethikos*, São Paulo, v.7, n.2, p.150-156, 2013. Disponível em: <http://www.saocamilo-sp.br/pdf/bioethikos/103/3.pdf>. Acesso em: 06 de novembro de 2014.
- LEONTIEV, Alexei. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Livros Horizonte, 1978. 350p.

- LOPES, Cristiano Camilo. Da terra das sombras à terra dos sonhos: o sagrado em O beijo da palavrinha de Mia Couto. *Revista Crioula*, São Paulo, n.5, 2009. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/54941/58589>. Acesso em: 06 de novembro de 2014.
- MAGALHÃES, Guilherme. Quando o sonho encontra a palavra. *Rascunho*, Curitiba, n.153, p.4-5, jan. 2013. Disponível em: http://rascunho.gazetadopovo.com.br/wp-content/uploads/2013/01/Book_Rascunho_153.pdf. Acesso em: 14 de novembro de 2014.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Cultura, arte e literatura: textos escolhidos*. (J. P. Netto e M. M. C. Yoshida, Trad.). São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- MARTINS, Lígia Márcia. Os processos funcionais e seu desenvolvimento. In: _____. *O Desenvolvimento do Psiquismo e a Educação Escolar: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica*. Campinas: Autores Associados, 2013. cap.3, p.117-266.
- MEDEIROS, Claudia Barbosa de. O voo da gaivota branca: a representação da morte em O beijo da palavrinha. *Revista Eletrônica de Estudos Literários*, Vitória, s.2, n.13, 2013. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/reel/article/view/6173/4511>. Acesso em: 06 de novembro de 2014.
- PESSINI, Leo. As origens da bioética: do credo bioético de Potter ao imperativo bioético de Fritz Jahr. *Revista Bioética*, Brasília, v.21, n.1, p.9-19, 2013. Disponível em: http://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/view/784/849. Acesso em: 15 de julho de 2014.
- POTTER, Van Rensselaer. Fragmented ethics and “Bridge Bioethics”. *The Hasting Center Report*, v.29, n.1, p.38-40, 1999.
- PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. *Relatório do Desenvolvimento Humano*. PNUD, 2013. Disponível em: <http://www.un.org/files/HDR2013%20Report%20Portuguese.pdf>. Acesso em: 16 de novembro de 2014.
- QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. *Sobre ler, escrever e outros diálogos*. (J. Abreu, Org.). Belo Horizonte: Autêntica, 2012. 119p.
- SCHROEDER, Silvia Cordeiro Nassif. A arte como linguagem: um olhar sobre as práticas de educação infantil. *Leitura: teoria & prática*, Campinas, n.58, p.77-85, junho/2012.
- VIGOTSKI, Lev Semenovich. *A construção do pensamento e da linguagem*. (P. Bezerra, Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Texto original publicado em 1934).
- VIGOTSKI, Lev Semenovich. *Psicologia da Arte*. (P. Bezerra, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. 1999. (Manuscrito de 1925).
- VUIGOTSKIJ, Liev Semionovich. Análisis de las funciones psíquicas superiores. In: _____. *Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores*. Ciudad de La Habana: Editorial Científico-Técnica, 1987. p.104-128. (Texto original publicado em 1930).

ZOBOLI, Elma Lourdes Campos Pavone. Referenciais de análise em bioética: o desafio de traçar sua interface com a saúde pública. In: FORTES, P. A. C.; ZOBOLI, E. L. C. P. (Orgs.). *Bioética e Saúde Pública*. São Paulo: Loyola; 2003. p. 25-34.

Submetido em: 26-11-2015

Aprovado para publicação: 23-06-2016